



BC: Informação na Sociedade

## **O PAPEL DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**

### **THE ROLE OF COMMUNITY LIBRARY IN CONSTRUCTION OF HUMAN RIGHTS**

*Diego Andres Salcedo<sup>1</sup>*

*Mariana Alves<sup>2</sup>*

#### **RESUMO**

Pressupõe que a biblioteca comunitária, denominada aqui como instituição de educação não formal, busca emancipar os indivíduos da comunidade em que está inserida, com práticas que promovem direitos humanos. Para isso, promove e provê acesso ao livro, a literatura e cria condições de práticas e mediação de leitura. Para fins da pesquisa, então, foi feito um trabalho exploratório de cunho qualitativo, dividido em três etapas: revisão bibliográfica, observação e entrevista. Focou a pesquisa na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães, localizada numa favela do bairro do Recife. Verificou que as atividades de leitura literária proporcionaram alfabetização das crianças; apropriação da escrita pelos moradores e mediadores; consciência social e ambiental; contato com a língua estrangeira francesa e aspectos culturais da França. Constatou que esse tipo de atividade social cria as condições à emancipação e profissionalização dos mediadores envolvidos. Concluiu que não, apenas, é notória a perseverança diante das dificuldades econômico-sociais ou a crença numa militância pelo gosto da leitura e emergência dos afetos, mas, particularmente, que trata de uma ação coletiva em prol dos Direitos Humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães. Direitos humanos. Educação não formal. Literatura. Mediação.

#### **ABSTRACT**

Assumes that the community library, named here as non-formal education institution, seeks to emancipate individuals from the community in which it operates, with practices that promote human rights. For this, promotes and provides access to books, literature and creates conditions and practices in reading mediation. For purposes of research, then, was made an exploratory qualitative work, divided into three stages: literature review, observation and interview. The research was focused at the Crab Tabaiães Community Library, located in a slum neighborhood at Recife. Found that the literature reading activities provided literacy of children; written appropriation by the residents and mediators; social and environmental awareness; contact with the French foreign language and cultural aspects of France. Verified that this type of social activity creates the conditions for emancipation and professionalization of the mediators involved. Concluded that not only is remarkable the perseverance in the face of economic and social difficulties or belief in militancy of reading taste and emergency affections, but particularly it is a collective action on behalf of Human Rights.

**KEYWORDS:** Caranguejo Tabaiães Community Library. Human rights. Non-formal education. Literature. Mediation.

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação; Professor no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [salcedo.da@gmail.com](mailto:salcedo.da@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Biblioteconomia no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [mdsa24@gmail.com](mailto:mdsa24@gmail.com)

**Recebido em:** 30/07/2014 - **Aceito em:** 19/08/2015

## INTRODUÇÃO

Este estudo pretende refletir sobre o papel da biblioteca comunitária na construção dos Direitos Humanos, tomando como premissa principal o acesso à leitura e à literatura. Consideramos a biblioteca comunitária como instituição de educação não formal para os Direitos Humanos, a partir do conceito trazido pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2007, p. 43) quando diz: “[...] os espaços das atividades de educação não-formal distribuem-se em inúmeras dimensões, incluindo desde as ações das comunidades, dos movimentos e organizações sociais, políticas e não governamentais até as do setor da educação e da cultura.” Essas atividades se desenvolvem em duas vertentes principais: a construção do conhecimento em educação popular e o processo de participação em ações coletivas, tendo a cidadania democrática como foco central.

Defende-se o papel da biblioteca comunitária enquanto instrumento da educação não formal na construção dos Direitos Humanos a partir do acesso a literatura que, por sua vez, também constitui um direito humano. Como sugere Salcedo (2013, p. 1), sobre o papel desse tipo de biblioteca, “temos que considerar características como articulação, integração e gestão. Estas, por sua vez, não podem estar pautadas apenas em fluxos de dados e informações por meio de sistemas computacionais interoperáveis o que, sob uma visão operacional, instrumental e tecnológica é válida, mas, sobretudo, naquilo que fundamenta as realidades sociais concretas”. E ainda, ilustram-se algumas modalidades de práticas ou ações culturais realizadas pela biblioteca estudada que ampliam as possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento como meio de emancipação humana e consciência cada vez mais crítica sobre os Direitos Humanos.

Os Direitos Humanos constituem direitos fundamentais à pessoa humana. Todo o ser humano independentemente de origem, raça, gênero, posição ideológica, política ou religiosa deve possuir sua dignidade protegida. Esses direitos são universais, indivisíveis, interdependentes e imprescindíveis à pessoa humana e sua perda implica em, segundo Hannah Arendt (2012), perda da fala e de todo relacionamento humano. São direitos também, os direitos civis (liberdade, igualdade); políticos e econômicos; direitos sociais (educação, saúde); culturais e ambientais.

O conceito da expressão “Direitos Humanos” é bastante polissêmico, na medida em que é construído a partir de distintas concepções e perspectivas. Silva (2009, p. 176) nos diz que não se aceita mais com tanta facilidade a ideia de que os Direitos Humanos também sejam tratados como os direitos naturais, provenientes da natureza da pessoa humana: “[...] são direitos positivos e históricos que encontram seu fundamento e conteúdo nas relações sociais e materiais em cada momento histórico”.

Bobbio (2004), afirma que a ideia de que os Direitos Humanos são direitos naturais, os que cabem ao homem enquanto homem é meramente tautológica, não servindo para traduzir seu verdadeiro significado e seu preciso conteúdo. Ressalta que os Direitos Humanos não são produto da natureza, mas da civilização humana; enquanto direitos históricos, eles são mutáveis, ou seja, sensíveis de transformação e ampliação.

Bonavides (2011) entende que Direitos Humanos e direitos fundamentais são expressões sinônimas. Porém, afirma que por razões de ganho didático recomendam, para maior precisão, o uso das duas expressões com pequenas variações semânticas, sendo a expressão, Direitos Humanos, por suas raízes históricas, adotada para referir-se aos direitos da pessoa humana antes de sua constitucionalização nos ordenamentos nacionais, enquanto direitos fundamentais dizem respeito aos Direitos Humanos quando transferidos para os espaços normativos.

Arendt destaca: “Direitos Humanos não são um dado, mas um construído, uma invenção humana, em constante processo de construção e reconstrução. Refletem um construído axiológico a partir de um espaço simbólico de luta e ação social” (ARENDR, apud PIOVESAN, 2013 p. 40).

Finalmente, pautado no conceito proposto por Alci Borges (2006) Direitos Humanos constitui

[...] um conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico, buscam concretizar as exigências da dignidade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da solidariedade humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente, em todos os níveis.

Seguindo a conceituação e fundamentação dos Direitos Humanos é importante ressaltar algumas legislações que objetivam garantir e proteger os Direitos Humanos. A nível mundial, um ponto marco para a consolidação desses direitos, foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1948. Nela estão positivados todos os Direitos Humanos e liberdades fundamentais os quais são pertencentes a todos os homens e mulheres do mundo. Ela desencadeou o processo de internacionalização dos direitos que propiciou o surgimento de várias constituições internacionais com fins de proteção e garantia da dignidade humana.

A constituição brasileira de 1988, por sua vez, estabeleceu em seu artigo 5º os direitos e garantias fundamentais no que concerne aos Direitos Humanos. Nesse documento todas as pessoas são iguais perante a Lei, a despeito de qualquer distinção, garantindo, além disso, aos natos e estrangeiros com residência permanente no país a inviolabilidade do direito às suas vidas, liberdades, igualdades, propriedades e segurança (NERY JR, NERY, 2012).

Pretende-se mostrar como a Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães (BCCT)<sup>3</sup> proporciona essa emancipação dos indivíduos através da literatura e para isso realizamos um estudo de caso na BCCT, baseados na técnica de pesquisa observação e entrevista. E, a partir da análise das atividades e ações culturais que realiza e das respostas obtidas fizemos o cruzamento de ideias em comuns em função da importância da biblioteca para os entrevistados.

<sup>3</sup> Campo Tabaiães, 203 - Ilha do Retiro - Recife - PE - CEP: 50750-251 Fone:(81) 3077-2535 e-mail: bibliotecacomunitariaact@gmail.com.

## A LITERATURA COMO UM DIREITO HUMANO

*Acho que a literatura, tal como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade da sua condição.*

Carlos Drummond de Andrade

A relação entre Literatura e Direitos Humanos pode parecer inicialmente estranha e não compatível. No entanto, ao fazermos uma análise mais holística e profunda, percebemos que as coincidências são muitas, sobretudo porque a literatura por si só já se constitui um Direito Humano.

Essa dicotomia semântica de conceitos origina-se seja pela concepção limitada das duas expressões, ou seja, pela localização e função deles em espaços sociais diferentes (PAULINO; COSSON, 2012). No primeiro caso, a Literatura limita-se aos cânones literários e literatura erudita. E os Direitos Humanos são associados geralmente a questões como as penas, castigos e violências, entretanto, os direitos humanos também dizem respeito à dignidade, à vida, à liberdade, à igualdade, o respeito à diversidade e a solidariedade.

Por sua função e localização, entende-se a literatura como uma forma de complementação das habilidades de escrita e como parte do desenvolvimento da competência leitora. Trata-se de uma forma de manifestação cultural, a fim de obtenção de prazer estético na qual o homem se sente livre para criar e expressar seus desejos. Já os Direitos Humanos referem-se a garantias constitucionais asseguradas por países democráticos que pretendem proteger a vida do ser humano a fim de manter a igualdade entre os homens (PAULINO; COSSON, 2012). Também reflete sobre os costumes e crenças, os processos de sociabilidades e a cultura, assim como, as lutas dos povos pela dignidade e o direito à ter direitos.

Como dito, à primeira vista esses conceitos não possuem uma relação semântica direta, mas existem outras questões nas entrelinhas dos dois assuntos que podem ser destacadas. Esses elementos em comum as duas expressões foram percebidos por Antônio Cândido (2012) em seu ensaio “O Direito à Literatura”, e por Paulo Thadeu Silva (2010) em seu verbete no Dicionário online de Direitos Humanos da Escola Superior do Ministério Público da União.

Para Cândido (2012) a questão primeira que norteia a reflexão dos Direitos Humanos implica em reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o outro. Isto é, incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos. Sejam esses bens que garantam a sobrevivência física ou que assegurem a integridade espiritual, como o direito à opinião, lazer e arte.

O que pode ser traduzido na linguagem poética do grupo musical Titãs em: “a gente não quer só comida/ a gente quer comida/ diversão e arte”. E como defende Lajolo (2012), trata-se de uma necessidade básica do ser humano, que pela correria do cotidiano, pode ficar esquecida, mas que é tão essencial quanto comida, saneamento básico ou saúde.

Como bem fundamentou Antônio Cândido (2012), não há homem que possa viver sem ter contato com alguma espécie de fabulação e sendo assim a literatura parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser sanada e cuja satisfação constitui um direito,

[...] portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem literatura. Deste modo ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade.

A ficção permite plena liberdade de pensamento ao homem, introspecção na fantasia e a literatura democratiza o poder da criação quebrando todos os limites e paradigmas imagináveis:

[...] outorgando a si mesmo o privilégio de idealizar outro cotidiano em liberdade, e movido pela intimidade maior de sua fantasia, um conhecimento mais amplo e diverso do mundo ganha corpo, e se instala no desejo dos homens e mulheres promovendo os indivíduos a sujeitos e responsáveis pela sua própria humanidade. De consumidores passa-se a investidores na arte do mundo. Por ser assim, persegue-se uma sociedade em que a qualidade da existência humana é buscada como um bem inalienável. (MANIFESTO POR UM BRASIL LITERÁRIO).

A leitura e a literatura nos trazem apropriação da língua, acesso ao conhecimento, elaboração de uma reflexão e de um mundo próprio e esses motivos se tornam via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. “Pois os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido ao leitor.” (PETIT, 2008, p. 48). Também “ampliam extraordinariamente seu horizonte vital, atizam sua curiosidade, sua sensibilidade, sua fantasia, seus apetites, seus sonhos, os tornam mais porosos à amizade e ao diálogo, e melhor preparados para enfrentar a infelicidade.” (LLOSA, 2006 *apud* SILVA, 2010).

A literatura constitui um direito humano e todos os seres humanos devem ter acesso a fruí-la sob pena de mutilação da humanidade. Como ressalta Antônio Cândido (2012) a luta pelos Direitos Humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso a todos os tipos e níveis de manifestações e expressões culturais. Numa sociedade justa deve-se garantir o respeito aos Direitos Humanos e conseqüentemente o gozo da arte e da literatura em todas as modalidades e níveis.

## DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Partindo do pressuposto que a biblioteca comunitária é espaço que educa para os Direitos Humanos de maneira não formal, abordaremos os conceitos que norteiam a expressão educação não formal, qual a sua importância para os Direitos Humanos e o que o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) reconhece e garante sobre a educação não formal.

A educação não escolar ou não formal sempre existiu, antes mesmo de ser denominada como tal. Contudo, até os anos 80 a temática da educação não formal era

abordada associada a educação popular, envolvendo o conjunto de ações educacionais realizadas por organizações da sociedade civil e os movimentos sociais uma temática pouco abordada no Brasil. A década de oitenta no Brasil foi relevante do ponto de vista da emergência de novos sujeitos políticos, os chamados movimentos populares pelas condições dignas de vida e trabalho, mas também, os movimentos indidentários. Foi apenas nos anos 90 que a educação em direitos humanos nas modalidades formal e não-formal adentrou os espaços culturais e educacionais, através da literatura e dos livros didáticos e paradidáticos, das linguagens artísticas e tecnológicas, do ensino formal em todos os níveis, da educação básica à superior. Tema foi ter destaque, devido as transformações na economia, na sociedade e no trabalho. Passou-se a se valorizar mais a aprendizagem em grupos, assim como as articulações culturais que permeiam as relações entre os indivíduos e as habilidades extraescolares (GOHN, 2001).

Primeiramente, como bem colocou Trilla (2008, p. 29):

[...] a educação é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação, é claro, na escola e na família, mas ela também se verifica nas bibliotecas e nos museus, num processo de educação a distância e numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão ou navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos [...] ocorrem igualmente, processos de educação.

Devido a esses variados processos educacionais, tornou-se necessária uma classificação desses tipos de educação (educação formal; educação não formal e educação informal) para tornar seu entendimento mais semântico. Assim, para Trilla (2008) o critério que delimita a educação formal e não formal de um lado e a educação informal do outro, está na diferenciação e na especificidade da função ou do processo educacional. Ou seja, é quando os processos educacionais se mesclam com outros processos sociais de maneira difusa.

A educação formal se materializa única e hermeticamente na escola, entendendo-se como escola uma forma coletiva e presencial de aprendizagem; configurando-se em espaço próprio com tempos predeterminados. Nos olhares de Maria Gohn (2001, p. 100) o que diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade dos atores em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. Já a educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, mesmo que seja carregada de valores e representações, como no caso da educação familiar.

Dessa forma, o conceito escolhido para nortear o trabalho se pauta na concepção de Gohn (2010, p.33) quando relata:

[...] é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais.

Os espaços onde se fomentam essas práticas são inúmeros, como igrejas, sindicatos, partidos políticos, ONGs, espaços culturais, associações de moradores e bibliotecas. A educação não formal se destaca pelo fato de proporcionar a criação de novos conhecimentos, visto que se dá por meio da prática social. A produção dos conhecimentos se dá por meio da experiência e vivência das situações ao invés da assimilação sistemática do conteúdo.

Nesse sentido, o PNEDH de 2006 é um documento que busca promover a educação dos Direitos Humanos e da cidadania dos brasileiros em todos os âmbitos da educação. Resulta de uma articulação envolvendo as esferas do governo federal, estadual e municipal as instituições de ensino e a sociedade civil organizada. Aprofunda algumas questões praticas do PNDH e estrutura-se em cinco grandes eixos, a saber: Educação Básica; Educação Superior; Educação Não-Formal; Educação dos Profissionais dos Sistemas de Justiça e Segurança Pública e Educação e Mídia.

Esse plano compreende a educação não formal como: 1) qualificação para o trabalho; 2) adoção e exercício de práticas voltadas para a comunidade; 3) aprendizagem política de direitos por meio da participação em grupos sociais; 4) educação realizada nos meios de comunicação social; 5) aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em modalidades diversificadas; e 6) educação para a vida no sentido de garantir o respeito à dignidade do ser humano.

Estabelece como alguns de seus princípios e conceitos, a mobilização e organização de processos participativos em defesa dos Direitos Humanos de grupos em situação de risco e vulnerabilidade social, denúncia das violações e construção de propostas para sua promoção, proteção e reparação; instrumento de leitura crítica da realidade local e contextual, da vivência pessoal e social, identificando e analisando aspectos e modos de ação para a transformação da sociedade; diálogo entre o saber formal e informal acerca dos Direitos Humanos, integrando agentes institucionais e sociais.

Dessa forma, vemos que a biblioteca se constitui, de fato, numa instituição de educação não formal para os Direitos Humanos representando uma prática sociocultural com formação para cidadania, envolvendo o fomento de habilidades para a capacitação profissional e educando de forma mais espontânea e menos rigorosa que os espaços escolares. Dito isso, passemos ao exemplo da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares.

## **BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CARANGUEJO TABAIARES**

De acordo com a Rede de Bibliotecas Comunitárias do Estado de Pernambuco (Releitura), bibliotecas comunitárias são aqueles espaços de leitura que surgiram por iniciativa das comunidades e são gerenciados por elas, ou ainda, aqueles espaços que embora não tenham sido iniciativas das próprias comunidades, voltem-se para atendê-las. São espaços de leitura e bibliotecas que preservem sua natureza de uso público e comunitário em sua essência, tendo como princípio fundamental a participação de seu público nos processos decisórios e avaliativos.

Seu surgimento advém da própria população que, como revela Botelho (2010, p. 22-23):

[...] de alguma forma almeja transformar seu espaço, quase sempre marcado pela violência, jovens envolvidos com drogas, desemprego, precariedade nos serviços de saúde, educação e cultura. Levar informação através do livro, da leitura e atividades culturais a essas comunidades marcadas por privações de todos os níveis, é apontar um caminho diferente à marginalidade. É contribuir para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e de uma comunidade mais próxima da cidadania.

A comunidade Caranguejo Tabaiães constitui uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), que são áreas habitacionais de população de baixa renda, podendo ou não ter favelas. Desde 1996 a comunidade Caranguejo Tabaiães é considerada uma área de ZEIS do Recife. Isto significa o reconhecimento real de que a comunidade não apresenta condições adequadas para que seus moradores vivam com dignidade. A BCCT foi criada em outubro de 2005. Localizada no bairro da Ilha do Retiro, iniciou os trabalhos com um acervo inicial de 800 livros, doados pela Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco (FCAP), a Associação Cultura Planeta, além de outras organizações.

A iniciativa partiu de Cleonice da Silva e Reginaldo Pereira, líderes comunitários e um grupo de moradores a fim de facilitar o acesso ao livro, despertar o interesse pela cultura letrada, desenvolver o prazer de ler e apoiar as pesquisas escolares dos estudantes. A biblioteca faz parte de uma rede de bibliotecas comunitárias do Recife, a Releitura. Esta tem o objetivo de promover uma articulação entre as bibliotecas, buscando discutir a situação de cada uma delas no contexto individual e no âmbito holístico para assim buscar alternativas conjuntas. Lutam pela criação de políticas públicas para o livro, leitura e bibliotecas e melhores condições para o desenvolvimento das ações e atividades que realizam nas comunidades.

Além disso, a Biblioteca possui uma relação com outra biblioteca europeia, a biblioteca francesa, *Biblioteca de Rua Atelier du 14*, localizada no bairro de Malakoff na cidade de Nantes. Ela se deu através de uma parceria que havia entre a prefeitura da cidade do Recife e a cidade de Nantes quando o representante do projeto de Nantes em Recife se interessou pela biblioteca e iniciou uma articulação entre as bibliotecas.

Elas possuem várias atividades juntas como trocas de cartas, videoconferências, e livros para que o público de uma biblioteca possa conhecer a cultura e língua da outra, promovendo um intercâmbio cultural. As bibliotecas já trocaram duas publicações próprias. Em 2009, as crianças francesas fizeram um livro à mão no qual escreveram e desenharam sobre seus gostos e sua vida. Em 2010, as crianças da biblioteca Caranguejo Tabaiães fizeram sua versão e, em fevereiro desse ano, enviaram por e-mail uma espécie de reportagem sobre o carnaval.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para fundamentação teórica do trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica ou pesquisa bibliográfica que se refere a toda bibliografia publicada sobre o tema estudado,

desde os meios escritos às fontes orais, cujo objetivo é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi abordado sobre determinado assunto (LAKATOS, 2009, p. 185). Nesta pesquisa, foram consultados livros, blogs e artigos científicos das áreas de Direitos Humanos, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Foram utilizadas como técnica de pesquisa a observação direta intensiva feita por meio de duas ações: observação e entrevista. Lakatos (2009, p.197) explica que a observação consiste na coleta de dados e informações através da percepção sensorial do pesquisador ao analisar determinada realidade. Não é apenas ver e ouvir, mas também examinar os fatos que se deseja investigar. Por sua vez, entrevista é o encontro de cunho profissional entre duas pessoas para que uma delas obtenha informações sobre determinado tema. Fizemos observação das atividades que a biblioteca realiza e entrevistamos todos os integrantes da equipe da biblioteca, além dos usuários e moradores da comunidade. A partir desses conceitos buscamos verificar quais as atividades e práticas realizadas na biblioteca propiciam a emancipação da comunidade e os consequentes resultados.

## **ANÁLISE DE RESULTADOS: OBSERVAÇÃO *IN LOCO***

Como forma de apreender algumas das diversas atividades vivenciadas na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães foi utilizado um escopo temporal de uma semana no horário das 08:00 às 12:00. Sempre acompanhados pelo Coordenador da Biblioteca, Reginaldo, ou pelas mediadoras, a observação foi positiva e serviu, de fato, para estabelecer uma relação tanto com o conteúdo do Blog da Biblioteca, quanto com o conteúdo da entrevista.

Uma das atividades realizadas é a semana de **Conto de Histórias**. Ela é considerada uma das mais importantes atividades oferecidas pela biblioteca. Essa ação ocorre duas vezes por ano, nos meses de janeiro e julho, durante uma semana do mês, nos três turnos e com atividades paralelas entre os turnos. Está em sua décima quarta edição e atinge em média mil e duzentas crianças, com um acréscimo de participantes a cada nova edição.

**FIGURA 1-** Semana do conto



**Fonte:** (BIBLIOTECA...2013)

O **Dia de leitura** acontece numa praça da comunidade e tem como objetivo levar os livros para a rua para que as pessoas possam ler nas suas próprias casas ou mesmo na rua ou na praça. Também acontece a oficina de leitura em rodas e leitura pública, conto de história onde as pessoas podem ler livros no espaço ou levá-los para casa.

O **Mais Educação** é uma atividade que ocorre no contraturno escolar com as crianças da Escola Santa Edwiges através do Projeto Mais Educação. O Mais Educação foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/ 2007 e visa aumentar a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, Direitos Humanos, cultura e artes, cultura digital, entre outros. As crianças já realizaram a confecção de um jornalzinho para a biblioteca, fazem apresentações literárias e artísticas na semana do conto, entre outras atividades.

O **Curso de Francês, Les Crabes** - buscando fomentar e otimizar a articulação da Biblioteca de Nantes e de Recife, o gestor da biblioteca procurou articular um curso em francês para os usuários da biblioteca. Sendo assim em um evento na Aliança Francesa de Pernambuco, ele conheceu uma estudante de Letras em francês da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a convidou para ministrar algumas aulas, como voluntária, na biblioteca. Ela aceitou o convite e, atualmente, leciona francês para crianças.

A **Jornada do meio ambiente** iniciou como Maratona de Preservação do Meio Ambiente, mas que atualmente denomina-se Jornada do Meio Ambiente. Possui o objetivo de conscientizar as crianças e a comunidade sobre a importância de preservar o meio ambiente. Na edição de 2011, eles relatam no blog que: “além de cartazes e faixas, nós recolhemos materiais recicláveis e distribuímos panfletos sobre conscientização ambiental. Ao final da caminhada nos concentramos em frente ao Centro Público da comunidade e separamos os materiais coletados pelas crianças e conversamos sobre a importância de manter a comunidade limpa e que isso deve começar por cada um de nós”.

E por fim a **Leitura compartilhada** com adolescentes, que foi criada para atender ao público jovem. A biblioteca pensou em criar alguma atividade que atraísse os adolescentes e os aproximasse mais da biblioteca. Nos dizeres da mediadora que iniciou o projeto:

[...] a ideia de leitura compartilhada surgiu pela necessidade dos adolescentes que frequentam a biblioteca lerem textos maiores, já que eles estavam acostumados a com livros menores. Eu queria que eles se interessassem mais por livros de literatura juvenil, sem descartar os livros infantis, mas possibilitando a eles conhecerem um mundo novo e um pouco mais complexo. O primeiro livro que partilhamos a leitura foi *Prova de Fogo*, de Pedro Bandeira e eles se envolveram bastante, imaginaram situações que foram narradas no livro, ficaram empolgados para saber como tudo terminaria. E ao terminar a leitura que teve duração de quatro dias seguidos, eles pediram para ler outro, e logo escolheram o próximo livro que será *Anjo da Morte* de Pedro Bandeira (M5).

A **Caminhada contra a Violência e Exploração Sexual** ocorre nas ruas da comunidade com a companhia de alunos de duas escolas municipais. Na edição deste ano:

[...] a caminhada se iniciou pela escola estadual e percorrendo todas a comunidade, a escola municipal, a sede do Grupo Adolescer, a Biblioteca e dando uma pequena pausa em frente a associação dos moradores para a apresentação de uma peça de teatro que também tratava da exploração sexual. A maratona não começou na terça feira, antes as crianças e adolescentes foram preparados para a movimentação: aprenderam sobre o assunto, construíram cartazes. Tudo para fazer com que a comunidade possa criar voz e denunciar os abusos sexuais” (BIBLIOTECA...2013).



**FIGURA 2** - Caminhada em prol da denuncia dos abusos sexuais

Fonte: (BIBLIOTECA...2013)

Num segundo momento, após vivenciada a semana de observação *in loco*, foi realizada uma entrevista com a equipe da Biblioteca. Após analisar o conteúdo das entrevistas, elementos discursivos de caráter opinativo e afetivo foram revelados. Para identificação dos entrevistados denominamos as siglas (M) para mediador seguida de uma numeração em ordem crescente de 1 ao 5 e para leitores a sigla ‘L’, seguida da numeração da idade.

Na conversa com Reginaldo Pereira, um dos fundadores da biblioteca, foi evidenciado o processo de criação da biblioteca, a sua importância para os integrantes da equipe e para a comunidade. Ele estuda administração de empresas e foi convidado por Cleonice da Silva para empreitar a ideia. Revela que foi muito difícil iniciar o projeto, mas que com as doações de livros e capacitações da equipe, as ações foram dando certo. Hoje em dia, a biblioteca se mantém através da colaboração de uma Rede de Amigos, como FCAP; Associação Etapas; Programa Manuel Bandeira de Formação de leitores da Prefeitura do Recife; Instituto C&A; Escola Criativa; Editais através do Funcultura; Sebrai; além do *Atelier du 14*, a biblioteca de Rua francesa; Eme cinco Contabilidade e de Consultoria Empresarial entre outros.

A idealizadora da biblioteca, Cleonice da Silva, diz que o intuito de criar a biblioteca partiu da sua preocupação com as crianças da comunidade. Pretendia ocupar o tempo dos jovens para que estes não se envolvessem com as drogas.

Bom, o motivo de eu colocar a biblioteca na comunidade foi porque há 14 anos eu trabalho com os idosos e idoso tem muito filho e muito neto... então para as crianças não ficarem desocupadas, o meu objetivo é ocupar as crianças para tirar elas da rua... hoje em dia minha comunidade é tranquila em relação a assassinato mas o crack é muito forte ainda e eu me preocupo muito com essa geração... eu acho que

esses meninos são o futuro de amanhã e se tiver tudo na droga como é que vai ser? Porque é muito triste ver uma criança de 10 anos fumando crack e você não poder fazer nada (GESTOR 2).

A biblioteca também possui uma coordenadora pedagógica chamada Carmem Bandeira. Na verdade, essa função surgiu de forma espontânea e acidental. A relação dela com a Biblioteca surgiu quando trabalhava na Secretaria de Educação do município do Recife coordenando o Programa Manuel Bandeira e um dos gestores foi no local a procura de algumas articulações. O gestor insistiu tanto nos encontros que ela acabou se interessando pela biblioteca:

[...] então eu vim institucionalmente como representante do programa Manuel Bandeira e dentro do possível eu criei um espaço para fazer visitas... aí eu fui percebendo varias coisas, por exemplo, que tinha muitos livros, mas que não eram de literatura infantil... Nesse tempo também o pessoal do instituto C&A começou a entrar em contato com a Secretaria de Educação e eu sugeri que eles viessem aqui visitar e eles gostaram e a partir daí eles começaram a entrar nessa rede... A partir daí eu já comecei a gostar a biblioteca, quando eu vim pra cá fiz varias oficinas com eles... Oficinas de mediação que eles pediam assim... Apoio para formação do grupo, aí tirei alguns finais de semana e vinha fazer oficina.... Comecei a ajudar a organizar os folders os textos, depois eu comecei a trabalhar com eles essa necessidade que eles tinham de formação do grupo e comecei a criar alguns espaços pra gente conhecer os livros comecei a dar sugestões para que eles priorizassem literatura infantil... Porque tinham muito livro sem critério aqui. Aí depois que eu saí da secretaria eu já tinha um vinculo afetivo muito grande e já tava muito ligada a eles... e continuei trabalhando. Então oficialmente eles me elegeram coordenadora pedagógica (risos).  
(COORDENADORA PEDAGÓGICA)

Quanto aos mediadores, eles têm uma faixa de idade entre 17 a 25 anos e iniciam como trabalho voluntário, mas depois são remunerados com uma bolsa. Dois deles fazem ensino médio e três já estão no ensino superior. O mediador 1 ressaltou relevância da sua experiência para a profissionalização, considerou que o trabalho em equipe na biblioteca possibilita resultados exitosos e que é prazeroso trabalhar. Apesar de reter-se na função administrativa observa que a biblioteca promove uma humanização fundamental para a comunidade:

[...] sem a biblioteca a situação seria mais difícil, a situação já é difícil e sem a biblioteca seria mais difícil ainda... os meninos saem da escola e já vem pra biblioteca pra ter aula de reforço, aula de francês e tal e isso é muito bom. (M1)

O principal progresso percebido pela mediadora 3, encontra-se na perda da timidez. Ela faz atividades de leitura, pintura e recreação com os usuários e reconhece que hoje em dia tem mais facilidade no atendimento de pessoas e se desenvolve melhor na condução da mediação de leitura com as crianças. Diz também que seu quadro de leitura teve uma evolução significativa, pois não tinha o habito de ler e quer queira quer não com a responsabilidade de mediação exige leitura, por isso está sempre lendo as histórias para desenvolver as apresentações. Além dos livros de ficção que pega para ler nas férias da faculdade. Fala que a biblioteca é um instrumento muito importante na comunidade e que faz

muita diferença na vida dos moradores: “no momento que a gente faz a rodinha de leitura aí a gente vê que eles estão muito empolgados com sede de leitura e alguns não sabem nem ler, mas ainda assim folheiam os livros e inventam as histórias” (M3).

Comenta ainda que a importância da biblioteca vem crescendo a cada dia mais, porque, como fala: “antigamente a gente só via a importância para as crianças para poder tirar eles da rua, fazer atividades de leitura que a gente via que eles tinham muita dificuldade, mas hoje em dia, não, a gente vê que já atingiu aos adultos”. Por sua vez a mediadora 4 também ressalta que aumentou o gosto pela leitura, pois antes ela conhecia apenas os livros didáticos e não gostava de ler, a biblioteca a fez conhecer os livros e gostar de ler. Reforça que

[...] a biblioteca conseguiu tirar muitas crianças da rua, alfabetizar muitas crianças e trazer a família, e incentivou as mães a ler, escrever e frequentar a biblioteca. Quando eles chegam eles chegam triste, não tem o afeto familiar e depois eles começam a valorizar mais a família... Procuramos perceber as dificuldades que eles têm e a gente trabalha a partir dessas dificuldades (M4).

A mediadora 5 ressaltou três aspectos. O gosto pela leitura, pois como explica “antes da biblioteca eu não lia nada... depois foi quem eu comecei a ler mais. Depois que eu entrei na biblioteca eu li mais livros do que eu o que eu já tinha lido a minha vida toda”. A perda da timidez foi outro ponto que colocou, essa superação se fortaleceu através das capacitações, treinamentos e seminários que participava, alguns promovidos pelo CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagens) da UFPE, através de uma parceria da UFPE com a rede de bibliotecas comunitárias do Recife, a Releitura. E o interesse em ter uma profissão que antes ela não tinha, decidindo então fazer Direito. Além da melhora na escrita que como diz, “com a leitura conhecemos palavras novas e isso ajuda na hora da redação.”

[...] eu digo a eles: ler é viver minha gente... Eu procuro sempre incentivar os jovens a ler... uma coisa que mudou muito neles foi a atitude com os pais, porque eles são crianças que não tem muito carinho com os pais... Uma mãe um dia perguntou: o que vocês estão fazendo com meus filhos que eles estão diferente agora? Eles chegam falam mais com os pais, dizem algumas coisas que estão preocupando... Aí eu penso, não... Não acredito que a biblioteca esteja fazendo isso tudo com os meninos...*(essa mudança positiva)* assim... A gente procura humanizar mais as crianças porque viver numa comunidade assim é difícil tal...Eu tento sempre assim fazer com que eles vejam a família e a leitura de um modo diferente (M5).

Já a mediadora 6 é responsável pela comunicação e atualização do Blog e do Facebook, responde e-mail participa das reuniões em geral, também faz mediação e auxilia na catalogação. Sempre gostou de ler e foi por isso que entrou na biblioteca. Ressalta que atualmente a comunidade se sente mais pertencida a biblioteca, porque antes era uma relação mais de leitura e produção de desenhos e hoje não, os laços se estreitaram e as relações se aprofundaram. Há uma continuidade de ações e seriedade nas articulações.

O que denominamos de usuária adulta, trata-se de uma mãe que começou a frequentar a biblioteca depois da insistência de seus filhos em pedirem para ela ler os livros que estes levavam para casa a fim de que ela contasse histórias. Ela havia parado de estudar na quarta

série do Ensino Fundamental e tinha um grau de leitura muito elementar. Quando não conseguia ler alguma palavra inventava para não demonstrar seu desconhecimento. A partir desta angústia e ao mesmo tempo prazer, ela começou a estudar novamente e hoje faz Travessia (Programa de Aceleração de Estudos de Pernambuco) para dar conta da leitura de seus filhos e de seus próprios desejos e necessidades pessoais, pois ela se encantou muito com a leitura e acabou se tornando escritora:

[...] quando os meus filhos levavam os livros para casa e eu não conseguia ler alguma palavra eu inventava para não mostrar para eles que eu não sabia... Aí eu comecei a esperar eles levarem novamente e fui lendo e gostando e gostando lendo e depois eu comecei a ir escrevendo. Escrevi uma historinha, depois outra e depois outra e não parei mais. Já escrevi várias histórias e hoje tô escrevendo um romance ele já está com 18 paginas e todo mundo que tá lendo tá gostando muito (L 24).

A biblioteca também estimulou a imaginação de outra moradora do bairro. Ela mora em frente à praça na qual se realiza o dia de Leitura na rua e se aproximou da atividade demonstrando interesse em conhecer os livros. Depois começou a contar as histórias dos livros para as crianças. Sentiu vontade, então, de contar uma história que se passou com ela e a partir daí começou a escrever outras histórias. Apesar de nunca ter pensado em criar histórias escritas, a atividade está despertando esse interesse, que está se manifestando de forma embrionária, mas com força. A sua primeira história foi ilustrada pelas crianças da biblioteca. É um livro escrito e desenhado à mão. Como ela relata em seu depoimento:

Toda vida eu gostei muito de criança...Eu trabalhei muitos e muitos anos como babá... Agora gostar de escrever não... Eu comecei por causa dela (Coordenadora pedagógica), quando eu comecei a contar a historia da boneca que ela disse. Vamo escrever, vamos escrever... Aí eu comecei... E os meninos ilustraram... já estou na terceira história escrita... Agora eu nunca escrevi assim... Comecei agora, mas agora eu penso em escrever eu já não escrevi mais porque eu não tenho tempo, aí eu faço assim... um rascunho e fica tanto erro que não dá nem tempo de corrigir, mas depois eu passo a limpo (L 58).

E para finalizar, terminamos com a satisfação e alegria de uma criança que adora a biblioteca. Ela tinha uma imagem negativa da biblioteca da escola, achava que “os professores iriam reclamar e que era melhor ficar em casa”. Mas depois que conheceu a biblioteca comunitária essa relação mudou totalmente de concepção:

[...] eu gosto mais daqui, dessa biblioteca do que da biblioteca da escola, porque aqui ela é mais divertida tem brincadeiras... Aqui é *muuuuuuuuu* divertido... aqui é como se fosse aquele ... Lar doce lar... como se fosse uma biblioteca pra criança aqui é muito divertido pra crianças [...] Eu gosto muito de ler Turma da Monica...Eu fiz a inscrição pra poder levar livro pra casa porque eu não tava mais aguentando mais não poder levar livros para casa (L 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conceitos trazidos sobre Direitos Humanos, direito a leitura e literatura, além de considerar a biblioteca uma instituição de educação não-formal, constatamos que a biblioteca atua claramente com a promoção de práticas inclusivas que promovem a consciência cidadã, moral e social dos moradores. De acordo com a observação feita e com as entrevistas destacamos alguns pontos.

As atividades como a **Semana do Conto** e a **leitura compartilhada** com adolescentes, além de todas as **mediações de leitura** realizadas diariamente proporcionam a todos os públicos da biblioteca o contato com leitura e literatura que provoca o deleite com a fantasia e imaginação, o olhar crítico sobre o mundo, o conhecimento de outras culturas e a consequente vontade de escrever. Além das atividades que envolvem temas sociais e ambientais que demonstram a preocupação da biblioteca em alertar e instruir a população.

Essa apropriação da escrita ou até melhora na redação dos usuários permite uma autonomia e independência cada vez maior dos indivíduos, uma vez que eles conseguem transcrever seus sentimentos e conhecimentos sobre determinado assunto que os rodeia. Além disso, como instituição de educação não-formal, faz com que muitas crianças se alfabetizem na biblioteca (algumas até com idade bem avançada). A alfabetização representa uma etapa fundamental no estágio de vida do ser, por que é quando ele se autonomiza na ação de ler e de entender o mundo. Até porque isso era uma lacuna a ser preenchida pelas escolas, mas a biblioteca assume esse papel e muitas vezes de maneira até mais pedagógica e lúdica.

O **projeto Mais Educação na biblioteca**, obteve resultados bastante consideráveis na medida em que possibilitou aos alunos um contato maior com a literatura e com atividades lúdicas. Como ressalta o depoimento da Coordenadora pedagógica “nessa atividade existe uma parceria com a escola e existem depoimentos interessantíssimos dos professores sobre como eles percebem o desenvolvimento das crianças em relação as ações da biblioteca”. Além disso, a biblioteca possui uma relação muito boa com as escolas do bairro e desenvolve atividades nelas.

O **curso de francês**, por sua vez, é uma atividade muito importante para a biblioteca, pois permite aos alunos ter acesso a uma língua estrangeira e a França está em primeiro lugar no ranking dos países mais visitados. A parceria com Nantes possibilitou um intercâmbio cultural muito forte devido às trocas de cartas, desenhos e livros que eles mantêm fazendo com que as crianças e jovens daqui produzam artefatos e mensagens para as crianças de lá e vice-versa, através das oficinas de intercâmbio.

Em muitos depoimentos vimos que houve uma mudança no comportamento das crianças com relação a seus pais. Essa maior afetividade se justifica pelo fato de que a leitura e, sobretudo a literatura de ficção acalma, na medida em que empolga e prende a atenção do leitor fazendo com ele conheça outros horizontes e ocupe a mente. O que estimula a imaginação e permite que ele conheça diversas situações da vida cotidiana, seus dilemas e os bons hábitos como o respeito, o carinho, a confiança, como nos garante Antônio Cândido.

Além disso, o próprio tratamento que é dado na biblioteca pelas mediadoras, muitas vezes, difere do tratamento que eles recebem em casa.

Em relação aos mediadores três fatores podem ser destacados. A experiência de profissionalização, o trabalho em equipe e a oportunidade dos jovens exercitarem a experiência da gestão de um espaço coletivo constitui um diferencial para eles que no futuro estarão no mercado de trabalho. Muitos alegaram também que o trabalho na biblioteca ajudou na perda da timidez, que o contato com as crianças e as capacitações realizadas pela coordenadora pedagógica e pelas formações no CEEL da UFPE, lhes proporcionaram um melhor posicionamento nas apresentações e mediações. Consequentemente ao trabalharem em uma biblioteca, o gosto pela leitura se torna inevitável. Muitos deles não liam, ou não liam com frequência, ou não gostavam de ler e essa relação com a leitura mudou bastante depois de terem conhecido a biblioteca.

Por fim, a própria militância da equipe em manter um projeto social dessa natureza e importância, já representa uma grande ação em defesa dos Direitos Humanos, pois têm o livro e a biblioteca como instrumentos irradiadores de saber promovendo através deles uma formação integral de seus usuários, expandindo as fronteiras para outros tipos de manifestações culturais e trabalhando diversos temas do cotidiano. O próprio domínio da leitura por si só já traz essa liberdade pessoal desenvolvendo no indivíduo a capacidade de descoberta de si mesmo e de descoberta do outro. Ela nos permite conhecer nossos direitos e deveres para que atuemos como verdadeiros cidadãos. Acreditamos que a literatura educa, acalma e humaniza a todos que dela tem acesso.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannan. **As origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BIBLIOTECA Comunitária Caranguejo Tabaiars. Disponível em: <<http://goo.gl/6M1Uym>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BONAVIDES, Paulo. **Curso de Direito Constitucional**. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2011.

BORGES, Alci Marcus Ribeiro. Direitos humanos: conceitos e preconceitos. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 11, n. 1248, 1 dez. 2006. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/9225>>. Acesso em: 21 set. 2013.

BOTELHO, C. do N. **A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias**. 2010. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. Direito à Literatura. In: LIMA, Aldo de et al. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 17-40.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa. Leitura e Literatura: direito, dever ou prazer? In: LIMA, Aldo de et al. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 115-124.

NERY JÚNIOR, Nelson; NERY, Rosa M. de Andrade. **Constituição Federal Comentada e Legislação Constitucional**. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. A Literatura no território dos Direitos Humanos. In: LIMA, Aldo de et al. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 93-114.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

O MANIFESTO. Disponível em: <<http://goo.gl/Yw7Y00>>. Acesso em: 15 jul. 2013

O QUE é uma Biblioteca Comunitária? Disponível em: <<http://goo.gl/FiFMBc>>. Acesso em: 25 set. 2013.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e justiça internacional**: um estudo comparativo dos sistemas regionais europeu, interamericano e africano. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

SALCEDO, Diego A. O problema das bibliotecas públicas: a resignificação desses espaços como emergência de sua visibilidade. **Biblioo**: cultura informacional, Rio de Janeiro, 18 out. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/LQA1nL>>. Acesso em 23 out 2013.

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. 32. ed. São Paulo: Malheiros, 2009.

SILVA, Paulo Thadeu Gomes da. Literatura. **Dicionário de Direitos Humanos**. Escola Superior do Ministério Público da União- ESMPU, 2010 Disponível em: <<http://goo.gl/7LvJie>>.

TRILLO, Jaume. A educação não formal. In: TRILLA, Jaume; Elie Ghanem. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2001.

*Como citar este documento:*

SALCEDO, Diego Andres; ALVES, Mariana. O papel da biblioteca comunitária na construção dos direitos humanos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 561-578, set. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8635770>>. Acesso em: 18 Set. 2015.